

A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE CAMPO NO PROCEDIMENTO DE AMBROSIO E VAISBERG

FABIANA FOLLADOR E AMBROSIO¹³

TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG¹⁴

Resumo

A centralidade ocupada pelo conceito de campo de sentido afetivo-emocional, em pesquisas qualitativas sobre a eficácia clínica de enquadres diferenciados, demanda sua apresentação e fundamentação teórico-metodológica, objetivo a que se propõe o presente trabalho. Tal iniciativa se justifica na medida em que forjamos, a partir deste conceito, um procedimento de acompanhamento de intervenções clínicas, com o intuito de favorecer tanto a comunicação entre pesquisadores que fazem uso da psicanálise, segundo diferentes vertentes pós-freudianas, como entre estudiosos que aderem a outras abordagens teórico-metodológicas de caráter compreensivo.

Palavras-chave: pesquisa com método psicanalítico, avaliação de resultados terapêuticos, estilo clínico ‘Ser e Fazer’, campos de sentido afetivo-emocional

Temos usado o método psicanalítico em três diferentes tipos de pesquisa:

- no estudo da potencialidade mutativa de enquadres clínicos;
- no estudo de imaginários coletivos sobre grupos usualmente vítimas de preconceito e exclusão social e
- no estudo da experiência emocional de grupos discriminados.

Nestes três tipos de investigações, adotamos um modo de operacionalização do método psicanalítico, baseado na distinção entre quatro diferentes tipos de procedimentos investigativos, a saber: 1) procedimento investigativo de *configuração* do acontecer

¹³ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Membro do grupo de pesquisa USP/CNPq "Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade".

¹⁴ Orientadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Professora Livre Docente aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Coordenadora da “Ser e Fazer”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação do IPUSP e do NEW- Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

clínico; 2) procedimento investigativo de *registro* do material clínico; 3) procedimento investigativo de *interpretação* do material clínico e 4) procedimento investigativo de *interlocução reflexiva*. Esses procedimentos correspondem a etapas do processo de produção de conhecimento, cujo objetivo consiste em facilitar a comunicação entre pesquisadores qualitativos, que adotam diferentes tipos de abordagem teórica. Tal providência parece-nos valiosa numa época em que prevalece a ideia de que a pluralidade teórico-metodológica não é sintoma de debilidade no campo das ciências humanas, antes o contrário.

Na presente comunicação focalizaremos o primeiro tipo de pesquisa, destacando a importância do conceito de *campo* na criação do *Procedimento de Ambrosio e Vaisberg*, um procedimento de acompanhamento de intervenções clínicas, fundamentado no estilo clínico 'Ser e Fazer'.

A Pesquisa sobre Potencialidade Mutativa de Enquadres Clínicos

Os novos desafios, colocados pela clínica psicológica contemporânea, têm sido recebidos com coragem e seriedade por pesquisadores e profissionais que se empenham na invenção de enquadres diferenciados e no exame de seu poder de beneficiar indivíduos e coletivos, em vertentes psicoterapêuticas e preventivas. Nesse cenário, as pesquisas sobre potencialidade mutativa de enquadres clínicos parecem-nos indispensáveis.

Entre os psicoterapeutas que adotam a perspectiva psicanalítica, a invenção de novos enquadres tornou-se uma necessidade frente aos desafios da clínica contemporânea. Esses reconhecem que o enquadre padrão freudiano, configurado, após o abandono da teoria da sedução, para que todas as narrativas apresentadas pelo paciente pudessem ser escutadas como sonhos ou fantasias, que se atualizariam na transferência, não é hoje o mais indicado para a imensa maioria dos casos. Para tais profissionais e pesquisadores, o exame da eficácia clínica dos enquadres diferenciados constitui-se como imperativo ético, uma vez que há que se mostrar que que tratamentos psicoterapêuticos geram benefícios. Nesse panorama, a possibilidade de demonstração

de sua potencialidade mutativa é fundamental, uma vez que se encontram em jogo investimentos emocionais e econômicos.

Evidentemente, sabemos que a clínica, ainda que repouse em conhecimentos científicos, está muito próxima do que poderíamos designar como ‘arte’ de encontro inter-humano. Existe atualmente uma grande convergência, entre psicoterapeutas, para além das fronteiras propriamente psicanalíticas, no sentido do reconhecimento de que o principal elemento, a favorecer mudanças, seria a própria relação que se estabelece entre pacientes e terapeutas – e não um conjunto de técnicas e procedimentos. Contudo, o fato do sucesso terapêutico depender, predominantemente, da relação não faz da clínica um acontecer caótico e sem sentido, mesmo que cada psicoterapia seja, de certo modo, absolutamente singular. Deste modo, não estamos impedidos de produzir balizas sobre quais seriam os rumos mais promissores na busca dos objetivos terapêuticos – que, diga-se de passagem, são sempre definidos de acordo com as perspectivas antropológicas subjacentes às diferentes abordagens teóricas. Tampouco estamos impedidos de examinar com rigor os atendimentos realizados, em busca de sinais acerca do que propicia e do que dificulta o êxito do processo.

É no contexto de tais convicções que temos trabalhado, há quase duas décadas, no âmbito de um serviço universitário conhecido como ‘Ser e Fazer’: Enquadres Clínicos Diferenciados, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Nossa proposta consiste em criar e avaliar clinicamente enquadres diferenciados, tais como as oficinas psicoterapêuticas de criação, as oficinas para desenvolvimento de capacidades e as consultorias terapêuticas, entre outros.

Todos os enquadres do estilo clínico Ser e Fazer seguem linhas gerais que se inspiram no jogo winnicottiano do rabisco. Dentre estes, destacam-se as chamadas oficinas psicoterapêuticas de criação, que se definem, fundamentalmente, pela apresentação de materialidades mediadoras, pela adoção do *holding* como intervenção fundamental e por ser ocorrem preferencialmente em grupo (AIELLO-VAISBERG, 2003). As materialidades são escolhidas mediante dois critérios: pelo fato do terapeuta com elas manter um vínculo amador e por serem dotadas de suficiente amorfia (WINNICOTT, 1971), o que visa favorecer a gestualidade criadora. Ao longo dos anos têm sido realizadas oficinas de arranjos florais, de arte de papel, de teatro espontâneo, de bordados e outras tapeçarias, de velas ornamentais e de esculturas, entre muitas outras. Vale notar que cada oficina é definida por uma única materialidade, o que facilita que se

constitua como um mundo transicional relativamente simplificado (AIELLO-VAISBERG, 2004; AMBROSIO, 2005).

Por outro lado, o trabalho propositivo tem sido completado por uma busca muito ativa de formas pelas quais os benefícios possam ser clinicamente avaliados. Temos desde sempre reconhecido que a construção de procedimentos, que guardassem convergência teórica e epistemológica com as bases que fundamentam os enquadres, coloca-se como exigência indispensável. Nesse sentido, nunca nos contentamos, na avaliação de benefícios das intervenções psicológicas, com depoimentos dos participantes - que poderiam ter satisfeito colegas que trabalham a partir de uma perspectiva fenomenológica -, nem com os inúmeros instrumentos que são usados em numerosas pesquisas, desde uma perspectiva que preza o cultivo de um certo tipo de objetivismo. Respeitamos tais iniciativas mas tememos que o acontecer, concebido como comunicação emocional em campo transferencial, não seja devidamente captado por meio destes tipos de abordagem. Todavia, nunca deixamos de louvar esforços dirigidos à avaliação de psicoterapias, na medida em que suspeitamos de colocações segundo as quais estas consistiriam numa forma de encontro inefável – o que, se verdadeiro fosse, não permitiria sua consideração como atividade profissional.

O Procedimento de Ambrosio e Vaisberg

Em nosso percurso de criação e avaliação de enquadres clínicos diferenciados, temos passado por diferentes etapas. Inicialmente, ocupamo-nos, em nossas pesquisas, com a apresentação das propostas –as oficinas psicoterapêuticas de criação, consultorias, entrevistas psicoterapêuticas e outras – e da enunciação de suas características fundamentais. Mesmo nesse primeiro momento, voltado à organização e execução do projeto, sentíamos que nos faltava uma argumentação acerca de sua eficácia clínica mais confiável do que os depoimentos dos próprios pacientes e a percepção de melhoras num plano sintomático, bastante próximo das queixas motivadoras da busca de atendimentos psicológicos (AIELLO-VAISBERG, 2007). Numa segunda etapa, propusemo-nos a forjar uma forma de avaliação coerente com nossos pressupostos de trabalho.

Nesse processo, focado na questão da avaliação de benefícios clínicos, teve lugar uma grata percepção, cujos contornos foram se fazendo cada vez mais claros. Deste modo, reconhecemos que já contávamos com uma estratégia que permitiria acompanhar o devir de um processo terapêutico, que se fundava no uso do conceito de campos de sentido afetivo-emocional, concebidos como regiões intersubjetivas que podem se constelar no espaço terapêutico justamente porque também estão na base das interações cotidianas entre indivíduos e coletivos (AIELLO-VAISBERG, 1999, 2007; AIELLO-VAISBERG & MACHADO, 2008)¹⁵. Demo-nos conta de que as nossas supervisões já consistiam, exatamente, na apreciação de deslocamentos – ou permanências – relativos aos campos transferenciais que se podem constelar sucessivamente. Contudo, chegamos a uma concepção mais formalizada de um *procedimento de acompanhamento de intervenções clínicas* por meio da elaboração da tese de doutorado de Ambrosio (2013).

Constituídos a partir de um conjunto de regras – ideias, crenças, valores, sentimentos, pensamentos – que podem ser apreendidas e deduzidas como organizadores lógico-emocionais, *campos de sentido afetivo-emocional* são a matéria originária, o fundamento sustentador das condutas humanas.

Tais regras tomam forma e se expressam no encontro com o psicanalista que, por sua vez, cria interpretativamente os *campos*. Afirmamos, portanto, que os *campos* não são entidades que preexistem, de modo absoluto, sob forma ontologicamente independente, aguardando para serem descobertas e decifradas pelo psicanalista, mas sim, que são criados/encontrados na relação, guardando, dessa forma, uma natureza absolutamente vincular, inclusive porque a presença do profissional é parte integrante do campo transferencial.

Se olharmos para os *campos de sentido afetivo-emocional* a partir de um certo vértice, devemos dizer que são produzidos interpretativamente, de modo que aos *campos* corresponde o movimento de criação/encontro dos múltiplos sentidos possíveis das condutas. Por outro lado, não haveria valor em estudá-los se não apresentassem nenhuma transcendência em relação ao que se constela diante do psicólogo/psicanalista. Temos aqui, portanto, um paradoxo que deve ser aceito: os campos são criados

¹⁵ O que se passa no encontro terapêutico é sempre concretização de condutas e campos que podem se fazer presentes na vida dos pacientes. Deste modo, campos transferenciais são sempre (re)apresentação de campos de sentido afetivo-emocional que se constelam no âmbito das interações concebíveis numa dada sociedade.

interpretativamente, no encontro, mas também estão lá, na realidade social. Assim, o momento interpretativo exige uma postura fenomenológica por parte do psicanalista para colocar em marcha o método psicanalítico, concretizado pela atenção livremente flutuante e pela associação livre de ideias. Por outro lado, a visão concreta e crítica exige o reconhecimento de que os campos só se constelam no espaço terapêutico porque correspondem também a substratos subjacentes a interações que acontecem de fato nas interações humanas, no cotidiano, na vida social.

Sendo assim, os *campos de sentido afetivo-emocional* podem ser compreendidos como regiões de sentido, que se configuram a partir de regras e ordenação próprias, para se constituir como substrato afetivo-emocional de todas as condutas humanas. Portanto, parece correto defini-los como mundos habitados, mais ou menos permanentemente, por indivíduos e coletivos humanos (AIELLO-VAISBERG & AMBROSIO, 2006). Se fizéssemos um comparativo, poderíamos dizer que os *campos* seriam como lugares que já visitamos - por exemplo um parque, um museu, uma praia, uma prisão, um convento, um hospital, cada qual com suas características peculiares. Imaginemos que estamos sentados em um banco em cada um desses lugares: mirando a praia, podemos experimentar tranquilidade, terror, incômodo, só para mencionar algumas possibilidades, dado que os sentidos são sempre pessoais. Já acomodados em um banco em um hospital, podemos ser transportados para emoções ligadas à espera de nascimentos, ao enfrentamento de momentos difíceis ligados à doença ou morte, à logística ligada a tarefas. Na verdade, as pessoas, nesta perspectiva, estão sempre habitando mundos de sentidos afetivo-emocionais, que tanto se conformam ao acontecer presente como atualizam memórias de experiências passadas e aspirações voltadas ao futuro.

Assim, na medida em que pudemos identificar que já praticávamos uma estratégia de acompanhamento de intervenções clínicas, percebemos que já contávamos com condições de maturidade para formalizar um procedimento, que serviria tanto para avaliar eficácia clínica, como para nortear intervenções psicanalista¹⁶ e organizar supervisões. Deste modo, nasceu o *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas* – ou Procedimento de Ambrosio e Vaisberg -, cuja realização demanda o cumprimento de duas etapas:

¹⁶ Vale aqui lembrar que mesmo quando o enquadre demanda apenas *holding*, como intervenção, este deve atender necessidades e exigências emocionais que emergem no campo de sentido afetivo-emocional. Não é o mesmo prover sustentação num campo de doença física grave ou num campo de escolha profissional, por exemplo.

1. A criação/encontro dos *campos de sentido afetivo-emocional*
2. A apreciação da ocorrência de trânsito entre campos

Deste modo, conjugam-se a produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional com a averiguação da ocorrência – ou não – de *trânsito entre os campos*. O trânsito entre campos é, neste contexto, o elemento norteador da demonstração de mudanças advindas de intervenções psicoterapêuticas.

Vale a pena mencionar que o Procedimento apresentado é rigorosamente coerente com o método psicanalítico, o que exige o desprendimento de crenças e teorias e a adoção de uma atitude de abertura à expressão do outro. Sendo assim, permite a produção de conhecimento compreensivo sobre as experiências emocionais, podendo ser empregado por pesquisadores que não participaram dos encontros clínicos, por meio da apreciação de registros.

Nesse sentido, compreendemos que o material clínico a ser considerado, para a produção interpretativa dos *campos de sentido afetivo-emocional*, pode ser registrado sob diversas formas. Ainda que preferamos utilizar narrativas transferenciais, a verdade é que o Procedimento de Ambrosio e Vaisberg se presta ao estudo de transcrições de entrevistas gravadas, relatos de encontros, depoimentos em documentários fílmicos e tantas outras maneiras de registrar o material clínico, adotadas por pesquisadores de diferentes abordagens teóricas, que valorizem a produção de conhecimento compreensivo na psicologia.

Entretanto, uma importante observação se faz necessária: independentemente do modo que esteja registrado o material clínico, quem usará o Procedimento ‘Ser e Fazer’ *de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas* será sempre um psicanalista, que deverá ater-se ao cerne do método: sua natureza interpretativa, concretizada pelos estados de atenção flutuante e de associação livre. Assim, este Procedimento pode ser considerado uma rigorosa operacionalização do método que, entre outras virtudes, facilita tanto a formação e supervisão de profissionais, como a organização de pesquisas qualitativas e seu debate entre pesquisadores. Articula-se, evidentemente, a partir do conceito de campo que, usado em nosso meio por Herrmann (1979), foi definido como uma generalização do conceito de inconsciente.

O Conceito de Campo como Fundamento Conceitual do Procedimento de Ambrosio e Vaisberg

O conceito de campo tornou-se muito conhecido no Brasil a partir dos trabalhos de Fabio Herrmann (1979), cuja obra ficou conhecida como Teoria dos Campos (MONZANI & MONZANI, 2008; HERRMANN, 2004). Mestre e discípulos afirmam que o termo foi utilizado pelo brasileiro de modo independente, o que não causa estranheza se lembrarmos que certas ideias amadurecem em determinadas épocas históricas, podendo assim ser formuladas por diferentes pessoas e grupos relativamente isolados uns dos outros. De todo o modo, vale salientar que o conceito herrmanniano de campo é definido como uma generalização do conceito de inconsciente – ideia absolutamente instigante para aqueles que, valorizando a perspectiva concreta, sempre viram com olhos críticos o modelo do aparelho psíquico. Entretanto, cabe lembrar que muito antes de ser desenvolvido por Herrmann (1979), tal conceito já aportara na psicanálise latino-americana pelas mãos de Willy e Madeleine Baranger (1961; 1969) e de Bleger (1963), certamente influenciados por Pichón-Riviere, que efetivamente utilizou a noção de campo a partir de seus estudos sobre *Gestalt* (BERNARDI, 2009). Nos escritos de Baranger e Baranger (1961; 1969), o conceito de campo visou, desde sempre, uma melhor compreensão da transferência e da contratransferência, desde uma perspectiva alinhada com as contribuições da escola kleiniana:

La concepción del campo dinámico que surgió durante la estadía de Willy y Madeleine Baranger en Uruguay fue esencialmente una concepción teórico-técnica de la práctica clínica. Buscó conceptualizar los fenómenos centrales del análisis, entendido como el encuentro profundo de dos subjetividades intensamente comprometidas en la tarea de promover las transformaciones psíquicas del analizando. La noción de campo dinámico ofreció un nuevo contexto que permitió articular nociones generales del psicoanálisis, como transferencia, contratransferencia, resistencia, interpretación etc., con los fenómenos ocurridos en la experiencia psicoanalítica concreta (Bernardi, 2009, p. 200).

Entretanto, parece-nos inegável que foi exatamente na obra de Bleger (1963), que o conceito de campo ganhou maior amplitude, na medida em que foi tomado como base para a proposição de uma psicologia dramática da conduta, inspirada em Politzer (1928). Neste contexto de teorização, que produz um saber que inclui mas transcende a psicoterapia psicanalítica, para delimitar a experiência afetivo-emocional humana como objeto de estudo, o conceito de campo integra uma parceria indissociável com o próprio conceito de conduta (AIELLO-VAISBERG & MACHADO, 2008). Nesta perspectiva, o encontro analítico, apesar de suas evidentes singularidades, é apenas um caso particular daquilo que constitui a própria carne do modo humano de ser: campos relacionais, cujo caráter é afetivo-emocional, constelam-se continuamente, no viver humano, e não apenas durante sessões de psicanálise. Os campos são produzidos pelas interações entre indivíduos e grupos e se tornam, por sua vez, um fundo existencial a partir do qual emergem novas condutas.

Nesta linha de pensamento, só conseguimos modificar condutas quando deixamos de habitar o(s) campo(s) a partir do(s) qual(is) essas emergem – para habitar novos campos, para transitar por diferentes campos. Ainda muito próximo do inconsciente recalcado, nutrindo possíveis simpatias pelo inconsciente estrutural, Herrmann (1979) compreensivelmente imaginou que os campos deveriam sofrer rupturas para deixarem de ser eficazes. Não deixou, contudo, de notar que muito rapidamente o que fora rompido podia ser rapidamente restaurado. Outra é a nossa visão, certamente influenciada por nosso interesse por questões tais como discriminação, preconceito e exclusão social. Assim, entendemos que um campo deixa de ser habitado quando podemos transitar rumo a outros campos – sendo possível sonhar com a possibilidade de que campos nefastos venham a se tornar desérticos à medida em que possam vir a prevalecer formas mais solidárias e éticas de sociabilidade.

Hoje, ao propor um *procedimento de acompanhamento de intervenções clínicas* centrado no conceito de *campo de sentido afetivo-emocional*, no intuito de avaliar a potencialidade mutativa de enquadres diferenciados, reconhecemos-nos numa continuidade com algumas ideias centrais de Baranger e Baranger (1961; 1969). No entanto, não podemos deixar de enfatizar que nosso raciocínio se torna claro e mais facilmente comunicável, no diálogo com pesquisadores não psicanalistas, graças à visão

blegeriana¹⁷.

De acordo com Bleger (1963), atender às exigências de uma psicologia concreta e dramática, no sentido politzeriano do termo, corresponde a admitir que as manifestações humanas não são meras exteriorizações do psiquismo individual, mas emergentes de campos relacionais, cujo caráter é fundamentalmente intersubjetivo, relacional e não consciente. Temos usados, em várias pesquisas, a expressão “*campos de sentido afetivo-emocional*” para designar com maior precisão o que Bleger (1963) denomina como *campo psicológico*, que distingue do campo da consciência – que seria uma pequena porção do campo psicológico -, e do campo ambiental, compreendido como aquilo que pode ser visto por um observador relativamente externo ao acontecer em jogo em uma dada situação. Tais campos, vale notar, são o fundo a partir do qual emergem todas as manifestações de conduta que, por seu turno, produzem novos campos.

Os *campos de sentido afetivo-emocional* apresentam caráter inconsciente, não no sentido do recalcado freudiano, mas na medida em que são concebidos, à moda fenomenológica, como pré-reflexivos. Como sabemos, o inconsciente recalcado surge como noção, na teorização freudiana, no contexto da postulação de um aparelho psíquico. Este corresponde a um modelo especulativamente concebido, cujo caráter é notavelmente abstrato. Em outros termos, fenômenos clínicos, que consistem em interações entre subjetividades, ainda que interpretados durante a sessão, são explicados, no contexto metapsicológico, de acordo com uma construção que se inspira, de modo nítido, na física clássica. Ora, é exatamente contra esta *démarche* que se coloca Politzer (1928), criticando pioneiramente seu caráter reducionista, mediante o qual o humano seria grosseiramente objetivado. Por outro lado, o filósofo não deixou de reconhecer que o criador da metapsicologia lançou fundamentos que possibilitam compreender o acontecer humano em primeira pessoa, ou seja, como vida, que não é pura biologia, mas experiência humana.

Fica assim, claro, que o *campo de sentido afetivo-emocional*, derivado da perspectiva concreta blegeriana, não se confunde, em momento algum, com o inconsciente recalcado. Por outro lado, pode, sim, ser compreendido num registro pré-reflexivo, pré-representacional. Deste modo, não nos surpreendemos ao encontramos, na obra em que funda a psicologia psicanalítica da conduta, indicações de que o campo, de

¹⁷ O conceito de campo tem sido retomado recentemente por vários autores, dentre os quais cabe destacar Antonino Ferro, que busca articular o conceito de campos de Baranger e Baranger (1961; 1969), com contribuições winnicottianas e bionianas.

que aí se trata, derive de visões da psicologia da *Gestalt*, que tinham sido estudadas por Merleau-Ponty (1945), autor que usa as contribuições de Politzer (1928) e que foi, por seu turno, estudado por Bleger (1963).

O conceito de campo parece ocupar um lugar importante no pensamento merleau-pontyano, sendo mesmo considerado o pilar organizador de parcela expressiva de sua filosofia (Tiemersma,1987). Este tipo de pensamento, nascido na física como teoria do campo eletromagnético, teria sido posteriormente adotado por estudiosos de diferentes disciplinas que se posicionam contra reducionismos analíticos. Destaca Tiemersma (1987) que a transposição de um modelo de uma área de conhecimento para outra não é de todo incomum, sendo geralmente motivada por analogias e semelhanças que a imaginação humana pode atribuir aos próprios fenômenos. O poder heurístico deste tipo de operação não deve ser subestimado, mas cuidados importantíssimos devem ser tomados, para que reducionismos inaceitáveis não tenham lugar. Assim, podemos compreender que, no que tange à noção de campo, uma transposição, da física para a psicologia, bastante interessante do ponto de vista teórico, tenha exigido importantes adaptações, que os *gestaltistas* não se furtaram a realizar.

Entretanto, somente Merleau-Ponty (1945) teria assumido mais completamente as consequências do uso da noção de campo na psicologia, tomando a iniciativa de *adicionar uma dimensão existencial às categorias gerais da teoria de campo*. Esta importante modificação do conceito tornaria sua filosofia uma base valiosa para construção de conhecimento científico sobre fenômenos e sobre atos humanos, segundo perspectivas que criticam e repudiam o pensamento mecanicista (Tiemersma,1987). Sendo este o propósito de Bleger (1963), não nos surpreende constatar que tenha percebido que uma teoria filosófica de campo, de caráter fenomenológico, poderia revelar-se particularmente fecunda no desenvolvimento de uma psicológica dramática e compreensiva voltada ao estudo de indivíduos e coletivos. Compreendemos, portanto, porque Bleger, psicanalista e marxista assumido, possa ser considerado, para além do que declarava, como um fenomenólogo (SARTRE, 1974).

Podemos, assim, finalizar esta exposição, lembrando que tanto o Procedimento de Ambrosio e Vaisberg, como o conceito de campo de sentido afetivo-emocional, que se alinham à psicologia concreta da conduta, que se enraíza na psicanálise rio-platense clássica, podem afirmar plena atualidade clínica e investigativa no contexto da virada relacional, que definiu expressiva parcela do trabalho psicanalítico do final do século XX e

início do século XXI, conforme convergência sinalizada, a nosso ver correta e apropriadamente, por Liberman (2014). Tal alinhamento e tal enraizamento, conjugado com o poder heurístico que o Procedimento de Ambrosio e Vaisberg vem demonstrando, na clínica e na pesquisa qualitativa, animam-nos a prosseguir nossos estudos.

Referências Bibliográficas

- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (1999) Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. *Tese de Livre Docência*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2003). Ser e Fazer: Interpretação e Intervenção na Clínica Winnicottiana. *Psicologia-USP*, 14 (1), 95-128.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2004). Os Enquadres Clínicos Diferenciados e a Personalização/Realização Transicional. In T.M.J. Aiello-Vaisberg e F.F. Ambrosio Caderno Ser e Fazer: Brincar. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Acessível em www.serefazer.psc.br.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2007). L'Evaluation des Effects de l'Art-Thérapie Winnicottienne. In Richard Forrestier L'Evaluation in Art-Thérapie: Pratiques Internationales. Paris, Elsevier Masson.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; AMBROSIO, F.F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais. Em Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Imaginários coletivos como mundos transicionais*. São Paulo, SP: Cadernos Ser e Fazer, 2006. p. 05-08.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; MACHADO, M.C.L. (2008). Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz das Teorias dos Campos. In Monzani, J. & Monzani, L.R. (Orgs.). *Olhar: Fábio Herrmann, uma viagem psicanalítica*. (pp. 311-324). São Carlos: Editora Pedro e João Editores.
- AMBROSIO, F.F. (2005) *Ser e Fazer - Arte de Papel: uma oficina inclusiva*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- AMBROSIO, F.F. (2013). O Estilo Clínico “Ser e Fazer” na Investigação de Benefícios Clínicos de Psicoterapias. Tese de Doutorado. Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1961-62): 'La situación analítica como campo dinámico', Revista Uruguaya de Psicoanálisis. IV, 1, 3- 54.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1969): Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Ed. Kargieman.
- BERNARDI, B.L. (2009). Introducción al trabajo de Madeleine y Willy Baranger: La situación analítica como campo dinámico. Revista Uruguaya de Psicoanálisis 108: 198–222.
- BLEGER, J. (1963) Psicología de la Conduta. Buenos Aires, Paidós, 2003.
- FERRO, A. (2013). Campo Analítico: Um Conceito Clínico. Porto Alegre, Artmed.
- HERRMANN, F. (1979). O Método Psicanalítico. São Paulo, EPU.
- HERRMANN, L. (2004). Andaimos do Real: A Construção de um Pensamento. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LIBERMAN, A. (2014). Stephen A. Mitchell y el Psicoanálisis Rioplatense “Clásico” (Bleger): Algunas Convergencias. Clínica e Investigación Relacional, 8 (1):51-60.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945) Phenomenologie de la Perception. Paris, Gallimard.
- MONZANI, J. e MONZANI, L.R. (orgs) (2008). Olhar: Fabio Herrmann – Uma Viagem Psicanalítica. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH. UFSCar.
- SASTRE, C.L. (1974). *La psicología, red ideológica*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- TIEMERSMA, D. (1987), Merleau-Ponty's philosophy as a field theory: Its origin, categories and relevance. *Man and World*. October 1987, Volume 20, Issue 4, pp. 419-436.
- WINNICOTT, D.W. (1971). *Playing and Reality*. London, Tavistock.